

# LP9

**3º BIMESTRE**

ESCOLA: \_\_\_\_\_

ALUNO: \_\_\_\_\_ TURMA: \_\_\_\_\_

2011

Secretaria Municipal de Educação

Coordenadoria de Educação

**EDUARDO PAES**  
**PREFEITURA DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO**

**CLAUDIA COSTIN**  
**SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO**

**REGINA HELENA DINIZ BOMENY**  
**SUBSECRETARIA DE ENSINO**

**MARIA DE NAZARETH MACHADO DE BARROS VASCONCELLOS**  
**COORDENADORIA DE EDUCAÇÃO**

**MARIA DE FÁTIMA CUNHA**  
**SANDRA MARIA DE SOUZA MATEUS**  
**COORDENADORIA TÉCNICA**

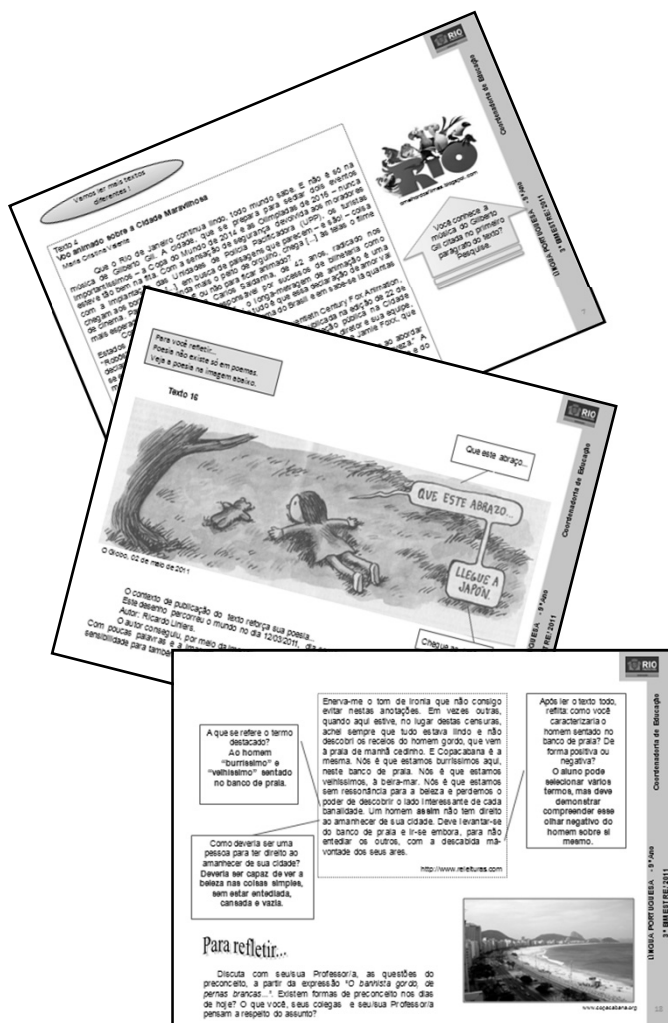
**MARIA TERESA TEDESCO VILARDO ABREU**  
**CONSULTORIA**

**GINA PAULA BERNARDINO CAPITÃO MOR**  
**SARA LUISA OLIVEIRA LOUREIRO**  
**ELABORAÇÃO**

**LEILA CUNHA DE OLIVEIRA**  
**MARIA ALICE OLIVEIRA DA SILVA**  
**SIMONE CARDOZO VITAL DA SILVA**  
**REVISÃO**

**CARLA DA ROCHA FARIA**  
**LETICIA CARVALHO MONTEIRO**  
**MARIA PAULA SANTOS DE OLIVEIRA**  
**DIAGRAMAÇÃO**

**BEATRIZ ALVES DOS SANTOS**  
**MARIA DE FÁTIMA CUNHA**  
**DESIGN GRÁFICO**



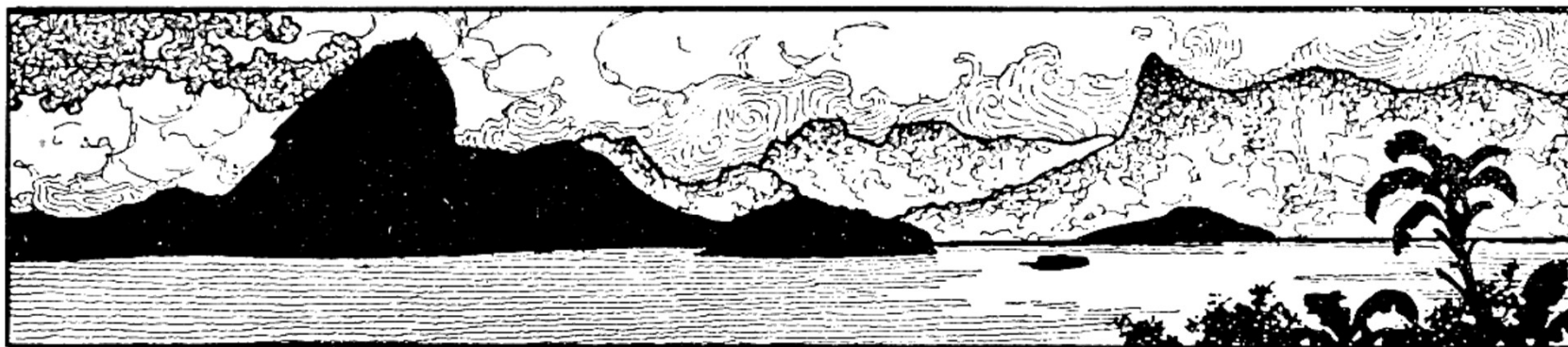
Olá! É muito bom apresentar um novo caderno feito especialmente para você!  
Aqui, reunimos vários textos, muita leitura!  
Nesta unidade, os textos se referem, de modos diferentes, à Cidade Maravilhosa. Aproveite!

### Texto 1

“Ainda bem que o Rio tem túneis. Assim eu descanso de tanta beleza.”

Mario Quintana

### Texto 2



[http://www.joadorio.com/site/images/stories/cronica\\_rio.gif](http://www.joadorio.com/site/images/stories/cronica_rio.gif)

### Texto 3

#### Carioca

CARIOCA, como se sabe, é um estado de espírito: o de alguém que, tendo nascido em qualquer parte do Brasil (ou do mundo) mora no Rio de Janeiro e enche de vida as ruas da cidade.

A começar pelos que fazem a melhor parte da sua população, a gente do povo: porteiros, garçons, cabineiros, operários, mensageiros, sambistas, favelados. Ou simplesmente os que as notícias de jornal chamam populares: esses que se detêm horas e horas na rua, como se não tivessem mais o que fazer, apreciando um incidente qualquer, um camelô exibindo no chão a sua mercadoria, um propagandista fazendo mágicas. A improvisação é o seu forte, e irresistível a inclinação para fazer o que bem entende, na convicção de que no fim dá certo — se não deu é porque não chegou ao fim.

[...] As ruas do Rio, mesmo em dias comuns, vivem cheias como em festejos contínuos. Todos andam de um lado para outro, a passeio, sem parecer que estejam indo especialmente a lugar nenhum. As esquinas, as portas dos botequins e casas de comércio, os shopping centers cada vez mais numerosos, todos os lugares, mesmo de simples passagem, são obstruídos por aglomerações de pessoas a conversar em grande animação.

E como conversam! Falam, gesticulam, cutucam-se mutuamente, contam anedotas, riem, calam-se para ver passar uma bela mulher, dirigem-lhe galanteios amáveis, voltam a conversar. Ninguém parece estar ouvindo ninguém, todos falam ao mesmo tempo, numa sequência de gargalhadas. Em meio à conversa, um se despede em largos gestos e se atira no ônibus que se detém para ele fora do ponto, a caminho da Zona Sul.

[...] Do Leblon em diante, convém por hoje não se aventurar: São Conrado, Barra, Jacarepaguá, Floresta da Tijuca — o dia não terá mais fim. Em vez disso, se o visitante, depois de se deslumbrar com a Lagoa Rodrigo de Freitas, dobrar uma esquina do Jardim Botânico, Botafogo ou Flamengo, de repente se verá numa rua sossegada, ladeira acima, com casarões antigos cobertos de azulejos que o atiram aos tempos coloniais. Laranjeiras, Cosme Velho — uma viela tortuosa o conduz a um recôndito Largo do Boticário, de singela beleza arquitetônica, que faz lembrar Florença.

Se o visitante subir esta outra rua, logo se verá cercado de verde por todos os lados, à sombra de frondosas árvores onde cantam passarinhos e esvoaçam borboletas — podendo até mesmo surpreender num galho as macaquices de um sagui.

E do alto do morro, verá a paisagem abrir-se a seus pés, exibindo lá embaixo a cidade inteira, do Corcovado ao Pão de Açúcar, entre montanhas e o mar. Depois de admirá-la, sentirá vontade de integrar-se a ela, regressar ao bulício das ruas e ao excitante convívio dos cariocas.

A partir deste instante estará correndo sério risco de ficar no Rio para sempre e se tomar carioca também.

SABINO, Fernando. *Livro Aberto*. Rio de Janeiro: Record, 2001.

Os textos 1 e 2 mostram, de formas diferentes, como é vista a cidade do Rio de Janeiro. Fernando Sabino descreve também o carioca, com seu jeito especial de ser.

## Fique Ligado!



Descrever é dizer como é, dar detalhes, mostrar as características de algo ou alguém. A descrição é fundamental para compreender o texto de Fernando Sabino, pois ele se propõe a mostrar o Rio de Janeiro e seus moradores, e, para isso, é fundamental apontar suas características. Volte ao texto. Observe como ele descreve o carioca:

*“A improvisação é o seu forte, e irresistível a inclinação para fazer o que bem entende, na convicção de que no fim dá certo — se não deu é porque não chegou ao fim.”*

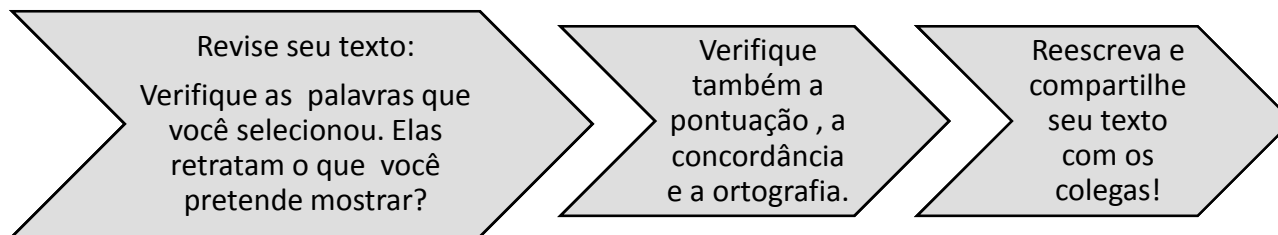
Veja como ele descreve a paisagem:

*“[...]se o visitante, depois de se deslumbrar com a Lagoa Rodrigo de Freitas, dobrar uma esquina do Jardim Botânico, Botafogo ou Flamengo, de repente se verá numa rua sossegada, ladeira acima, com casarões antigos cobertos de azulejos que o atiram aos tempos coloniais.”*

Uma descrição pode tentar ser objetiva – simples, concreta – ou ser subjetiva – pessoal, dependente das emoções de quem a escreve. Há quem diga que toda descrição tem algo de subjetiva, revelando intenções e emoções...Cabe a você, leitor competente...ficar atento!

A descrição feita pelo texto é subjetiva ou objetiva? Reflita.

Como morador do Rio de Janeiro, você também observa a sua cidade? Pense sobre o que você vê no seu caminho até a escola. Registre sua descrição no espaço abaixo.



Vamos ler mais textos diferentes !

#### Texto 4

### Voo animado sobre a Cidade Maravilhosa

Maria Cristina Valente

Que o Rio de Janeiro continua lindo, todo mundo sabe. E não é só na música de Gilberto Gil. A cidade, que se prepara para sediar dois eventos importantíssimos – a Copa do Mundo de 2014 e as Olimpíadas de 2016 – nunca esteve tão bem na fita. Com a sensação de segurança devolvida aos moradores com a implantação das Unidades de Polícia Pacificadora (UPP), os turistas chegam aos borbotões [...] em busca de paisagens que parecem – e são! – coisa de cinema. Para estufar ainda mais o peito de orgulho, chega [...] às telas o filme mais esperado do ano: “Rio”. É ou não para ficar animado?

Concebido pelo carioca Carlos Saldanha, de 42 anos, radicado nos Estados Unidos desde 1991 e responsável por sucessos de bilheteria como “Robôs” e a trilogia “A Era do Gelo”, o longa-metragem de animação é uma declaração de amor à cidade. O melhor de tudo é que essa declaração de amor vai se espalhar [...] por cerca de mil salas de cinema do Brasil e em sabe-se lá quantas mais em outros 149 países.

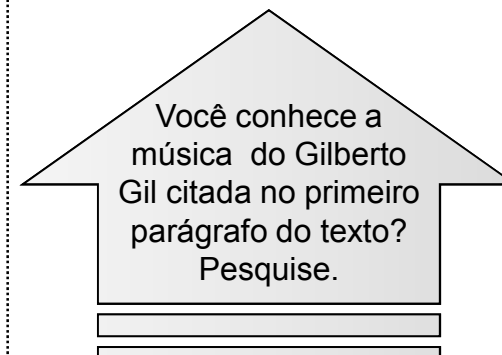
O filme produzido por Blue Sky Studios e Twentieth Century Fox Animation, que mereceu Bonequinho aplaudindo de pé na crítica publicada na edição de 22 de março do Segundo Caderno, teve a sua primeira projeção pública na Cidade Maravilhosa, claro, e com tratamento hollywoodiano. Além do diretor e sua equipe, estiveram por aqui os astros Anne Hathaway, Jesse Eisenberg e Jamie Foxx, que emprestaram suas vozes aos personagens.

Para o crítico Rodrigo Fonseca, “o roteiro escapa do ufanismo ao abordar as contradições sociais da sociedade sem ingenuidade, mas com leveza.” A animação, que tem uma ararinha-azul como protagonista, nasceu da saudade e do amor de Saldanha pela cidade.

O Globo, Rio Show, 8 de abril de 2011.



omelhordosfilmes.blogspot.com



Você conhece a música do Gilberto Gil citada no primeiro parágrafo do texto? Pesquise.



1 - Após a leitura do texto, explique os sentidos da palavra “animado” presente no título.

---

---

2 - Qual a consequência , segundo o texto, da implantação das Unidades de Polícia Pacificadora em algumas áreas da cidade?

---

3 - O que significa a expressão “bem na fita” no primeiro parágrafo do texto?

---

---

4 - Qual a consequência da exibição do filme em muitos cinemas?

---

5 - Retire do texto um trecho que revele uma opinião.

---

---

---

---

---

6 - Indique o trecho do texto em que está explícita a intenção de dialogar com o leitor.

---

7 - Qual o tema do texto?

---



## Texto 5

**Vozes de casa**

Eduardo Zobarán

1 Um talentoso animador carioca ganha o mercado americano e dirige alguns dos filmes de maior sucesso de bilheteria na história do cinema. Respeitado, decide aproveitar o espaço que conquistou para demonstrar na telona seu amor pelo Rio de Janeiro, onde nasceu. Essa poderia ser a sinopse da carreira de Carlos Saldanha, diretor de “Rio” [...] que enaltece a Cidade Maravilhosa. Entre os cariocas ansiosos para verem a criação caprichada e de qualidade [...] estão alguns personagens diretamente relacionados à obra. São os dubladores de versão brasileira, bem menos estelares que os astros de Hollywood que dão voz à versão original, com Anne Hathaway, Jesse Eisenberg e Jamie Foxx. Esses cariocas dão vida e personalidade para aves e outros animais que representam os moradores do Rio de Janeiro. Foram também os primeiros a gargalhar das tiradas do filme, a elogiar a postura de Saldanha, que não evitou e mostrou com sensibilidade os contrastes locais na tela, além de se encantar com o realismo da reprodução da Cidade Maravilhosa. O diretor de dublagem, Guilherme Briggs, conta que, sempre que viam a cena em que as protagonistas, as araras azuis Blu e Jade, sobrevoam a cidade de asa-delta, com toda a Zona Sul ao fundo, os dubladores, invariavelmente, pediam para a cena ser repetida. E ele, é claro, repetia.

13 A vista da Pedra da Gávea, as constantes passagens pela Praia de Copacabana e o incrível nível de detalhe que reproduz com exatidão até os carros da polícia impressionam Blu, ou melhor, Gustavo Pereira. O ator empresta sua voz a uma arara azul domesticada, que vive em Minnesota, nos Estados Unidos. Apesar de culto, Blu não sabe voar e enfrenta o medo quando chega ao Brasil para conhecer Jade, a última fêmea de sua espécie.

— Percebi que o Blu tem um timbre que demonstra insegurança. Não tenho isso naturalmente, mas acho que consegui captar – conta Pereira, que também é músico [...] Mas ele não é o típico carioca. Acho que o público vai ter uma maior identificação com o Nico e o Pedro, que são mais malandros.

[...]

Sylvia Salustti faz a voz de Linda, americana dona de Blu e de uma livraria e que não parecia muito animada em visitar o Rio.

— Ela tem um misto de deslumbramento e susto, porque vive numa cidadezinha pequena dos Estados Unidos e se espanta com tudo o que encontra aqui - explica Sylvia.

24 Sylvia é daquelas que vestem a camisa de sua cidade. Sem esconder a felicidade, narra como ficou emocionada ao ver o Rio de Janeiro reproduzido enquanto trabalhava.

27

— Tudo foi tão perfeito! [...] Foi uma emoção que ainda não tinha sentido dublando.

[...]

A atriz Adriana Torres, que dubla Jade, a arara-azul cheia de personalidade e que é a última fêmea de sua espécie, diz:

— Assistir a esse filme aflorou meu amor pelo Rio de Janeiro. O que Carlos Saldanha colocou na tela foi diferente de tudo o que tinha visto. É uma animação sob a ótica de um brasileiro. E não tapou o sol com a peneira, fingindo que só tem cartões-postais maravilhosos, enfatiza Adriana. [...]

Também desenhista, o diretor de dublagem Guilherme Briggs, delarou: [...]

— Quando peguei o filme para ver pela primeira vez, eu me senti dentro de um sonho. Deu aquele chorinho na garganta.

O Globo, Zona Sul, 7 de abril de 2011.

1 - A quem se referem os termos “Um talentoso animador carioca “?

---

2 - O texto se inicia com informações sobre uma pessoa que só será revelada na terceira linha. Qual o efeito de sentido dessa estratégia?

---

3 - A quem se referem os termos “criação caprichada e de qualidade” na linha 4?

---

4 - Qual a ideia de “típico carioca” revelada pelo dublador Gustavo Pereira? Você concorda com essa ideia? Converse com seus colegas sobre isso.

---

5 -A quem se refere o pronome “ela” na linha 22?

---



olacomunicacao.com.br

6 - Substitua o termo destacado na frase por outro de sentido equivalente.

“**Apesar de culto**, Blu não sabe voar e enfrenta o medo quando chega ao Brasil para conhecer Jade, a última fêmea de sua espécie.”

---

7 - Qual o sentido da expressão “vestir a camisa” no texto. Essa expressão pode ter outros sentidos. Escreva duas frases: uma com essa expressão no sentido em que aparece no texto e outra com um sentido diferente.

---

8 - Leia o “ Fique ligado”. Escolha , no texto, outra expressão que também é usada conotativamente. Explique o que significam.

---

9 - Qual a finalidade do texto?

---



---

10 - Observe agora o texto abaixo. Qual a sua finalidade?

---



---

Texto 6



UMA AVENTURA  
MAIS QUE  
MARAVILHOSA!

O Globo, 7 de abril de 2011.

## Fique Ligado!



Você reparou o que aconteceu com a expressão “vestir a camisa”?

O mesmo acontece com a expressão “entrar pelo cano” na frase:

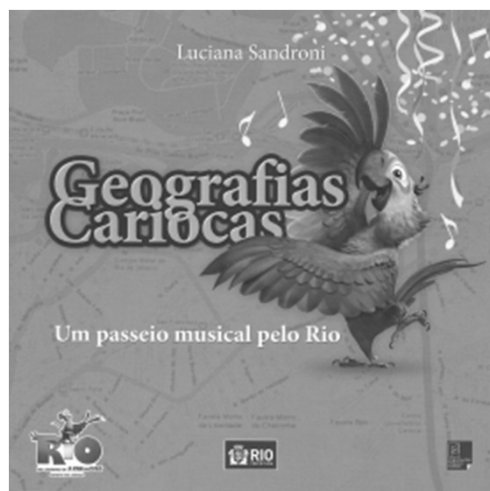
“André errou todas as questões da prova. Coitado, ele entrou pelo cano!”

Fique atento:

“Quando a palavra é utilizada com seu sentido comum (o que aparece no dicionário) dizemos que foi empregada **denotativamente**.

Quando é utilizada com um sentido diferente daquele que lhe é comum, dizemos que foi empregada **conotativamente**.”

<http://www.brasilecola.com/literatura/denotacao-conotacao.htm>



Agora você vai ler um trecho do livro “Geografias Cariocas”, de Luciana Sandroni, produzido especialmente para os alunos das Escolas Municipais do Rio de Janeiro. Vá à Sala de Leitura de sua escola e leia o livro todo! Vai ser uma viagem!

### Texto 7

#### Salve Mangueira, Madureira e Oswaldo Cruz, que sempre souberam muito bem...

[...]

A região de Madureira e Oswaldo Cruz, no tempo da colônia, fazia parte da Fazenda do Campinho, do Capitão Francisco Inácio do Canto. Nessa época, os colonos chamavam o subúrbio de “sertão carioca”, pois era muito distante da baía de Guanabara e o acesso era complicado. Lá se produzia cana de açúcar e aguardente e para transportá-los os comerciantes e viajantes abriram caminhos, que originaram nas ruas atuais. Do lado do Campinho, mas já no vale do Rio das Pedras, havia o Engenho do português Miguel Gonçalves Portela.

E agora é que entra um personagem chave na nossa historietta: o boiadeiro Lourenço Madureira. Ele arrendou –alugou por um tempo - as terras do Capitão Francisco e lá produziu milho e mandioca, desenvolvendo muito aquelas terras. Quando o Capitão faleceu, Madureira brigou com a viúva para ficar com as terras e, além de consegui-las, em 1846 também foi homenageado, pois seu nome foi escolhido para o bairro.

Bem mais tarde, a fazenda foi dividida e muitas chácaras foram construídas. Uma delas pertenceu a Dona Clara – viúva de Domingos Lopes, político da Freguesia de Irajá - que, percebendo a importância do transporte ferroviário para o crescimento da região, cedeu uma parte das suas terras para construir a primeira estação de trem em 1896. Porém, a estação durou um ano, mas Dona Clara tem hoje uma rua em Madureira em sua homenagem.

Converse com seu/sua Professor/a de História sobre como era o Rio de Janeiro no “Brasil Colônia”.

Finalmente, em 1890 a estação de trem foi aberta em Madureira e a região se tornou um “importante eixo ferroviário”. Mas ainda era um bairro ligado a suas origens rurais, pouco urbanizado e com só alguns moradores.

Com a construção do Mercado , em 1914, que vendia produtos agrícolas, muitos comerciantes foram atraídos e ,assim, o bairro foi crescendo, se desenvolvendo e se tornou a “capital do subúrbio”. O mercado virou o famoso Mercado de Madureira, que atualmente já vende de tudo.

Hoje Madureira tem muitos shoppings, comércio, ônibus, e, infelizmente, creio que ninguém se lembra mais do boiadeiro Lourenço Madureira. Será?

SANDRONI, Luciana. *Geografias Cariocas. Um passeio musical pelo Rio*. Instituto Municipal de Urbanismo Pereira Passos. IPP/SEDE. Rio de Janeiro, 2011.

1 - Por que o subúrbio era chamado de “ sertão carioca”?

---

2 - Os termos destacados no trecho abaixo se referem ao mesmo lugar? Justifique.

“Ele arrendou –alugou por um tempo - as terras do Capitão Francisco e lá produziu milho e mandioca, desenvolvendo muito aquelas terras.”

---

3 - Por que o bairro Madureira tem esse nome?

---

---

4 - Qual a importância do Mercado para a história do bairro Madureira?

---

5 - Qual a finalidade do texto?

---

6 - Observe o termo destacado no trecho abaixo:

“A região de Madureira e Oswaldo Cruz, no tempo da colônia, fazia parte da Fazenda do Campinho, do Capitão Francisco Inácio do Canto.”

a) Qual a função do termo?

---

b) Marque no texto outros termos de mesma função.

---



---



---

## Espaço criação

Você sabe a história do seu bairro? Então, mãos à obra!

Reúna-se com seus colegas e pesquisem sobre a história do bairro. Vocês podem recorrer aos livros da sala de leitura e a outras fontes... Vá ao site do Armazenzinho de dados! Lá tem muita informação legal!

<http://portalgeo.rio.rj.gov.br/armazenzinho/web/historiasRio.asp#>

Busquem a origem do nome, as características do local, curiosidades sobre fatos ou pessoas marcantes que viveram ou vivem no bairro.

Que tal entrevistar moradores antigos, que possam dar testemunho das mudanças pelas quais o bairro passou?

Selecionem os materiais que conseguirem pesquisar e elaborem um mural para que toda a escola possa compartilhar o resultado do trabalho.

Não se esqueçam de pedir ajuda ao seu/sua Professor/a de História.

## Fique Ligado!



O texto 7 conta uma história (de base narrativa).

Uma das características básicas do texto narrativo é a progressão temporal entre os acontecimentos relatados. Para isso é importante a utilização de palavras e/ou expressões que marcam a passagem do tempo. Os verbos também são fundamentais. A narrativa utiliza verbos preferencialmente no tempo passado.

No último texto, vimos um pouco da história do bairro Madureira, cenário importante do mundo do samba. Na letra da canção abaixo, vamos observar um caso de amor...

Texto 8

**Foi um rio que passou em minha vida**

Paulinho da Viola

Se um dia  
Meu coração for consultado  
Para saber se andou errado  
Será difícil negar

Meu coração  
Tem mania de amor  
Amor não é fácil de achar  
A marca dos meus desenganos  
Ficou, ficou  
Só um amor pode apagar  
A marca dos meus desenganos  
Ficou, ficou  
Só um amor pode apagar...

Porém! Ai porém!  
Há um caso diferente  
Que marcou num breve tempo  
Meu coração para sempre  
Era dia de Carnaval  
Carregava uma tristeza  
Não pensava em novo amor  
Quando alguém  
Que não me lembro anunciou  
Portela, Portela  
O samba trazendo alvorada  
Meu coração conquistou...

Ah! Minha Portela!  
Quando vi você passar  
Senti meu coração apressado  
Todo o meu corpo tomado  
Minha alegria voltar  
Não posso definir  
Aquele azul  
Não era do céu  
Nem era do mar

Foi um rio  
Que passou em minha vida  
E meu coração se deixou levar  
Foi um rio  
Que passou em minha vida  
E meu coração se deixou levar  
Foi um rio  
Que passou em minha vida  
E meu coração se deixou levar!

<http://letras.terra.com.br/>

1 - Quem era o enamorado na letra da canção?

---



---

2 - Como estava o coração do eu lírico antes de conhecer a Portela?

---



---

3 - Podemos perceber na música um “problema” relacionado a esse coração? Qual?

---



---

4 - Marque no texto os versos em que o eu lírico se dirige diretamente à Portela.

---



---

5 - A que o eu lírico compara a chegada da Portela em sua vida?

---



---

6 - Qual o sentido de “Foi um rio/ que passou em minha vida/E meu coração se deixou levar”?

---



---



Texto 9

**A Voz do Morro**

Zé Ketí

Eu sou o samba  
A voz do morro sou eu mesmo sim senhor  
Quero mostrar ao mundo que tenho valor  
Eu sou o rei do terreiro  
Eu sou o samba  
Sou natural daqui do Rio de Janeiro  
Sou eu quem levo a alegria  
Para milhões de corações brasileiros  
Salve o samba, queremos samba  
Quem está pedindo é a voz do povo de um país  
Salve o samba, queremos samba  
Essa melodia de um Brasil feliz

<http://letras.terra.com.br>

1 - Quem é “A voz do morro” segundo o texto?

---

2 - Quem é o eu lírico do texto? Para que ele canta?

---

3 - Quem diz, segundo o texto, “Salve o samba, queremos samba”?

---

4 - Segundo o texto, qual a importância do samba?

---

Texto 10

**Alvorada no Morro**

Carlos Cachça/Cartola/Herminio Bello de Carvalho

Alvorada  
Lá no morro, que beleza  
Ninguém chora, não há tristeza  
Ninguém sente dissabor  
O sol colorindo  
É tão lindo, é tão lindo  
E a natureza sorrindo  
Tingindo, tingindo  
Você também me lembra a alvorada  
Quando chega iluminando  
Meus caminhos tão sem vida  
Mas o que me resta  
É bem pouco, quase nada  
Do que ir assim vagando  
Numa estrada perdida

<http://letras.terra.com.br>

1 - Personificar é atribuir ações ou características de pessoas a seres inanimados. Marque no texto um verso em que haja personificação.

---

2 - A quem é comparada a alvorada no morro? Por quê?

---

3 - O eu lírico é otimista? Comprove com um trecho do texto.

---

---

Vamos analisar os textos 11 e 12. O texto 11 é uma crônica e o texto 12 é uma letra de canção.

Observe: a quem se refere a palavra “todos”?

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

Texto 11

### Amanhecer em Copacabana

Antônio Maria

Amanhece, em Copacabana, e **estamos todos cansados. Todos, no mesmo banco de praia.** Todos, que somos eu, meus olhos, meus braços e minhas pernas, meu pensamento e minha vontade. O coração, se não está vazio, sobra lugar que não acaba mais. **Ah, que coisa insuportável, a lucidez das pessoas fatigadas! Mil vezes a obscuridade dos que amam, dos que cegam de ciúmes, dos que sentem falta e saudade.** Nós somos um imenso vácuo, que o pensamento ocupa friamente. E, isso, no amanhecer de Copacabana.

Antes de continuar, reflita: o que Copacabana representa para a crônica? \_\_\_\_\_

As pessoas e as coisas começaram a movimentar-se. A moça feia, com o seu caniche de olhos ternos. O homem de roupão, que desce à praia e faz ginástica sueca. O bêbado, que vem caminhando com um esparadrapo na boca e a lapela suja de sangue. Automóveis, com oficiais do Exército Nacional, a caminho da batalha. Ônibus colegiais e, lá dentro, os nossos filhos, com cara de sono. **O banhista gordo, de pernas brancas, vai ao mar cedinho, porque as pessoas da manhã são poucas e enfrentam, sem receios, o seu aspecto. [...].** Os ruídos crescem e se misturam. Bondes, lotações, lambretas e, do mar, que se vinha escutando algum rumor, não se tem o que ouvir.

Nesse trecho, observe que são enumeradas várias ações. O que elas representam para o eu do texto?

---

---

---

---

Marque, nesse trecho, palavras que mostram que o texto é de uma época passada, diversa da atual.

---

O trecho destacado permite perceber como o banhista gordo se sente em relação à própria aparência? Explique.

---

Pesquise o significado da palavra “fatigadas”. Para o texto, o que é melhor: “a lucidez das pessoas fatigadas” ou a “obscuridade dos que amam”? Explique. Que palavras ou expressões permitem essa conclusão?

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

A que se refere o termo destacado?

---



---



---



---

Enerva-me o tom de ironia que não consigo evitar nestas anotações. Em vezes outras, quando aqui estive, no lugar destas censuras, achei sempre que tudo estava lindo e não descobri os receios do homem gordo, que vem à praia de manhã cedinho. E Copacabana é a mesma. Nós é que estamos burríssimos aqui, neste banco de praia. Nós é que estamos velhíssimos, à beira-mar. Nós é que estamos sem ressonância para a beleza e perdemos o poder de descobrir o lado interessante de cada banalidade. Um homem **assim** não tem direito ao amanhecer de sua cidade. Deve levantar-se do banco de praia e ir-se embora, para não entediar os outros, com a descabida má-vontade dos seus ares.

<http://www.releituras.com>

Após ler o texto todo, reflita: como você caracterizaria o homem sentado no banco de praia? De forma positiva ou negativa?

---



---



---



---



---



---

Como deveria ser uma pessoa para ter direito ao amanhecer de sua cidade?

---



---



---



---

## Para refletir...

Discuta com seu/sua Professor/a, as questões do preconceito, a partir da expressão “O *banhista gordo, de pernas brancas...*”. Existem formas de preconceito nos dias de hoje? O que você, seus colegas e seu/sua Professor/a pensam a respeito do assunto?



[www.copacabana.org](http://www.copacabana.org)

## Texto 12

**Copacabana**

 João de Barro e Alberto Ribeiro  
 (1947)


Existem praias tão lindas cheias de luz...  
 Nenhuma tem o encanto que tu possuis  
 Tuas areias...  
 Teu céu tão lindo...  
 Tuas sereias  
 Sempre sorrindo...

Copacabana, princesinha do mar,  
 Pelas manhãs tu és a vida a cantar...  
 E, à tardinha, o sol poente  
 Deixa sempre uma saudade na gente...

Copacabana, o mar eterno cantor  
 Ao te beijar, ficou perdido de amor  
 E hoje vive a murmurar  
 Só a ti, Copacabana, eu hei de amar

<http://www.paixaoeromance.com/40decada/copacabana47/hcopacabana.htm>

1 - A quem se dirige o eu lírico do texto?

---

2 - Perceba o ritmo e a musicalidade do texto. Eles são construídos pela escolha das palavras e pela rima.

Veja só:

 Tuas areias...

 Teu céu tão **lindo...**

 Tuas sereias

 Sempre **sorrindo...**


Marque as outras rimas na letra da música.

3 - Qual o efeito de sentido causado pelo uso de diminutivo em “princesinha”?

---



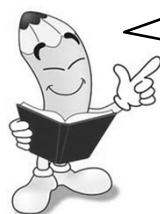
---

4 - Indique um trecho da canção em que houve personificação.

---



---



Você observou que, nesse texto, é utilizada a **linguagem conotativa**? O texto faz a gente imaginar...

O que seria: “Pelas manhãs tu és a vida a cantar”?

Como seria o mar “eterno cantor”?

A linguagem conotativa é também chamada de **linguagem figurada** exatamente porque ela evoca\* imagens, provoca o leitor para que ele associe ideias, indo além do sentido objetivo, denotativo.

\*Evoca – torna presente pela imaginação

Nesta unidade vamos ler alguns poemas. Antes de ler, reflita:  
o que você já sabe sobre esse gênero?

### Texto 13

#### Meus Rios

Dentro de mim  
correm muitos Rios.  
De janeiro a janeiro  
tento encontrar  
o mais verdadeiro.

Será o Rio-beleza,  
o Rio Chico&Jobim,  
o Rio canção&Sol?  
O Rio dos megaeventos,  
das corridas, das torcidas,  
da emoção?

Ou um Rio muito antigo,  
Rio Corte e Capital,  
dos marqueses,  
das liteiras  
da escravidão?

O Rio antes do Aterro,  
sem túneis, metrô, frescão,  
quando ir da Muda à Urca  
era uma sauna sem-fim,  
ralando no lotação?

Nem esse Rio de ontem  
nem o Rio de Debret  
nem a cidade de agora  
(que por vezes apavora),  
porém, guardando de todos  
a sua melhor porção,  
um outro Rio ainda existe,  
é só buscar com atenção.  
Eu, por exemplo,  
nele passeio  
todos os dias  
dentro do meu coração.

SOUZA, Angela Leite de. Meus Rios. São Paulo, Livraria Saraiva, 2006.



Liteira – cadeira portátil coberta, usada como meio de transporte, sustentada por duas varas compridas, levada por dois homens.



[carnavalehistoria.blogspot.com](http://carnavalehistoria.blogspot.com)

1 - Por que a palavra Rios no título do texto e no segundo verso aparece com letra maiúscula e no plural?

---



---

2 - Que expressões foram criadas para nomear o Rio de Janeiro?

---



---

3 - Qual o efeito de sentido do uso do verbo **correr** no segundo verso?

---



---

4 - Selecione, no texto, palavras que fazem referência a um Rio de outras épocas.

---



---

5 - Como é o Rio que o eu lírico traz guardado no coração?

---



---



Neste caderno, você está lendo vários textos literários, principalmente contos e poemas.

No Caderno Pedagógico, do segundo bimestre, foi trabalhada a diferença entre o texto literário e o não literário.

Para lembrar: no texto literário a **“palavra é utilizada de forma predominantemente artística, subjetiva e figurada”**.

Nas próximas páginas você vai trabalhar textos literários do gênero poema.



Poema é um texto literário organizado em versos.

No poema, a língua é usada para além da linguagem denotativa, objetiva, direta. Interessa construir novos sentidos para as palavras, “sacudir a poeira” do modo de dizer comum, cotidiano. O modo de dizer é pensado, trabalhado, ganhando destaque e instigando o leitor a ir além do significado óbvio. A palavra é a matéria-prima do poema. Cada palavra é escolhida e combinada a outras para provocar o leitor.

**Então, quando você for ler um poema... desconfie!**

Busque novos sentidos, siga pistas em cada palavra, cada som. Tente desvendar cada imagem.

Num poema, a **musicalidade** e o **ritmo** são muito importantes. Os sons são combinados para criar sentidos novos, inesperados.

A repetição é um instrumento importante para construir a musicalidade e o ritmo no poema. A rima também.

Rima é a coincidência de sons no fim de palavras ou versos.

Cuidado: há poemas sem rima e não há rima só em poemas.

Observe ao lado!

*“As palavras podem criar imagens vívidas, surpreendentes, marcantes, imagens que valem pelo que têm de imagem. Nada explicam e parecem nunca parar de nos dizer algo. Por outro lado, o próprio aspecto visual do poema é importante. Quando abrimos a página, a primeira coisa que vemos, antes de ler, é o formato do poema, a mancha gráfica estendendo-se diante dos olhos, antes de decifrarmos a primeira sílaba. Sentimos a presença visual do poema, no espaço da página, antes de saboreá-lo no tempo.”*

Bráulio Tavares. Revista Língua Portuguesa. Maio de 2008.

### **As rimas...**

#### **...nos provérbios:**

*Água mole em pedra dura tanto bate até que fura.*

#### **...na linguagem do dia a dia:**

*Sol e chuva, casamento de viúva; chuva e sol, casamento de espanhol.*

#### **...na linguagem publicitária:**

*Amor com Primor se paga.*

#### **...nos jogos e nas brincadeiras:**

*Uni, duni, tê*

*Salamê, mingué*

*Um sorvete colorê*

*O escolhido foi você!*

#### **...nas trovas ou quadras populares:**

*Quem diz que de muitos gosta,*

*Quem diz que a muitos quer bem,*

*Finge carinhos a todos,*

*Mas não gosta de ninguém.*

(Quadra Popular)

Adaptado de <http://www.pucrs.br/gpt/poesia.php>

Fique Ligado!

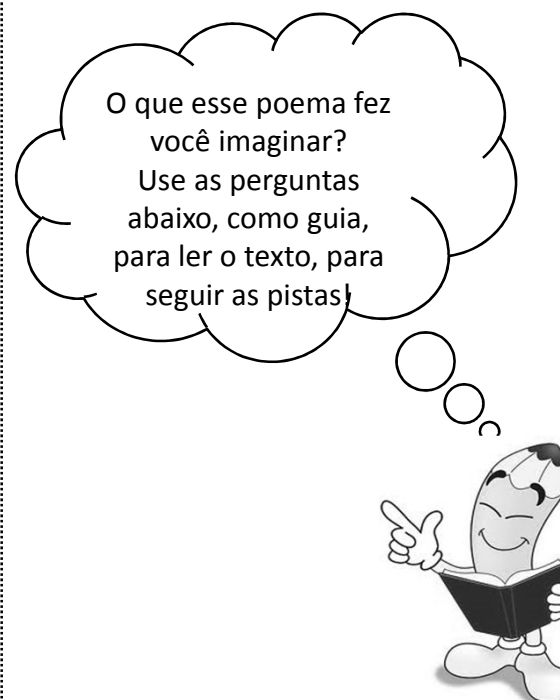




## Texto 14 Esperança

Lá bem no alto do décimo segundo andar do Ano  
 vive uma louca chamada Esperança  
 e ela pensa que quando todas as sirenas  
 todas as buzinas  
 todos os reco-recos tocarem,  
 atira-se  
 e  
 — ó delicioso voo –  
 será encontrada miraculosamente incólume na calçada,  
 outra vez criança...  
 E em torno dela indagará o povo:  
 — Como é teu nome, meninazinha de olhos verdes?  
 E ela lhes dirá, então,  
 (é preciso explicar-lhes tudo de novo!)  
 ela lhes dirá, bem devagarinho, para que não esqueçam nunca:  
 — O meu nome é ES-PE-RAN-ÇA...

QUINTANA. Mario. *Poesia Completa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.



1 - Observe que o sentido da palavra ANDAR, no primeiro verso do poema, não foi empregado no seu sentido usual. A que se refere, então, o “décimo segundo andar do ano”?

---

2 - Em todo o poema, a que a palavra esperança se refere?

---

3 - Por que a esperança é chamada de “meninazinha dos olhos verdes”?

---

4 - Por que, no último verso, a palavra esperança está escrita “ES-PE-RAN-ÇA”?

---

“Os poetas escrevem para  
 emocionar, divertir,  
 convencer, fazer pensar o  
 mundo de um jeito novo.”

ATENFELDER, Anna Helena.  
 Poetas da escola. São Paulo: CENPEC:  
 Fundação Itaú Social; Brasília, DF:  
 MEC, 2008.

**Texto 15**

**Guardar**

Ao ler o poema, observe com que sentido é usada a palavra “guardar”. Antes de ler, pare um pouco e reflita: que sentido(s) você conhece para essa palavra?

Guardar uma coisa não é escondê-la ou trancá-la.  
 Em cofre não se guarda coisa alguma.  
 Em cofre perde-se a coisa à vista.  
 Guardar uma coisa é olhá-la, fitá-la, mirá-la por admirá-la, isto é, iluminá-la ou ser por ela iluminado.  
 Guardar uma coisa é vigiá-la, isto é, fazer vigília por ela, isto é, velar por ela, isto é, estar acordado por ela,  
 isto é, estar por ela ou ser por ela.  
 Por isso melhor se guarda o voo de um pássaro  
 Do que um pássaro sem voos.  
 Por isso se escreve, por isso se diz, por isso se publica,  
 por isso se declara e declama um poema:  
 Para guardá-lo:  
 Para que ele, por sua vez, guarde o que guarda:  
 Guarde o que quer que guarda um poema:  
 Por guardar-se o que se quer guardar.

CÍCERO, Antônio. *Guardar: poemas escolhidos*. Rio de Janeiro: Record, 1997.

Esse sentido dado à palavra guardar no poema é o mesmo que você já conhecia?

---



---

Explique um novo sentido criado pelo poema para a palavra “Guardar”.

---



---

Segundo o texto, para que se escreve um poema?

---



---



---

Para você refletir...  
Poesia não existe só em poemas.  
Veja a poesia na imagem abaixo.

**Texto 16**



O Globo, 02 de maio de 2011

O contexto de publicação do texto reforça sua poesia...

Este desenho percorreu o mundo no dia 12/03/2011, dia seguinte ao terremoto e à tsunami no Japão.  
Autor: Ricardo Liniers.

O autor conseguiu, por meio da imagem e das palavras, tratar de um acontecimento triste de forma sensível. Com poucas palavras e a imagem, transformou a tragédia em arte. Quem lê esse texto, é provocado na sua sensibilidade para também ver com novo olhar esse acontecimento: um olhar com emoção.



Nesta unidade, vamos trabalhar com outro gênero textual também literário: o CONTO. Podemos dizer que esse gênero textual é de base narrativa e apresenta **sequências de fatos**, que são vividos pelos **personagens**, num determinado **tempo** e **lugar**. Existe também um **narrador**, aquele que conta a história.

Nos Cadernos Pedagógicos do 1º e do 2º bimestres de 2011, você estudou não só os **elementos do texto de base narrativa**: *personagem, tempo, lugar, ação, e narrador*; como também **os momentos da narrativa**: *situação inicial, conflito, clímax e desfecho*. Se você tiver dúvidas, volte a esses Cadernos e retome o estudo da estrutura desse tipo de texto.

Agora, vamos ampliar nosso conhecimento sobre o texto de base narrativa, focando no gênero CONTO.

De maneira geral, o conto é mais breve que um romance e apresenta número reduzido de personagens. O tempo e o espaço em que se desenvolve a história também são restritos.

Antes de ler o próximo texto, formule hipóteses...

Seu/sua Professor/a poderá auxiliá-lo bastante nesta atividade. Dê asas à imaginação.

Sobre o que será um texto chamado “Uma galinha”? Será uma fábula? Onde deve se passar a história? Quem serão os personagens, serão humanos ou animais?

Leia, a seguir, o texto **Uma galinha**, de Clarice Lispector, e responda às questões sobre os elementos, os momentos da narrativa e a compreensão do texto.

## Texto 17

### Uma galinha

Era uma galinha de domingo. Ainda viva porque não passava de nove horas da manhã.

Parecia calma. Desde sábado encolhera-se num canto da cozinha. Não olhava para ninguém, ninguém olhava para ela. Mesmo quando a escolheram, apalpando sua intimidade com indiferença, não souberam dizer se era gorda ou magra. Nunca se adivinharia nela um anseio.

Foi pois uma surpresa quando a viram abrir as asas de curto voo, inchar o peito e, em dois ou três lances, alcançar a murada do terraço. Um instante ainda vacilou – o tempo da cozinheira dar um grito – e em breve estava na terraço do vizinho, de onde, em outro voo desajeitado, alcançou um telhado. Lá ficou em adorno deslocado, hesitando ora num , ora noutro pé. A família foi chamada com urgência e consternada viu o almoço junto de uma chaminé. O dono da casa lembrando-se da dupla necessidade de fazer esporadicamente algum esporte e de almoçar vestiu radiante um calção de banho e resolveu seguir o itinerário da galinha: em pulos cautelosos alcançou o telhado onde esta hesitante e trêmula, escolhia com urgência outro rumo. A perseguição tornou-se mais intensa. De telhado em telhado foi percorrido mais de um quarteirão da rua. Pouco afeita a uma luta mais selvagem pela vida a galinha tinha que decidir por si mesma os caminhos a tomar sem nenhum auxílio de sua raça. O rapaz, porém, era um caçador adormecido. E por mais ínfima que fosse a presa o grito de conquistador havia soado.

Sozinha no mundo, sem pai nem mãe, ela corria, arfava, muda, concentrada. Às vezes, na fuga, parava ofegante num beiral de telhado, enquanto o rapaz galgava outros com dificuldade tinha tempo de se refazer por um momento. E então parecia tão livre.

Estúpida, tímida e livre. Não vitoriosa como seria um galo em fuga. Que é que havia em suas vísceras que fazia dela um ser? A galinha é um ser. É verdade que não se pode contar com ela para nada. Nem ela própria contava consigo, como o galo crê na sua crista. Sua única vantagem é que havia tantas galinhas que morrendo uma surgiria no mesmo instante outra tão igual como se fora a mesma.

Afinal, numa das vezes em que parou para gozar sua fuga, o rapaz alcançou-a. Entre gritos e penas, ela foi presa. Em seguida carregada em triunfo por uma asa através das telhas e pousada no chão da cozinha com certa violência. Ainda tonta, sacudiu-se um pouco, em cacarejos roucos e indecisos.

Foi então que aconteceu. De pura afobação a galinha pôs um ovo. Surpreendida, exausta. Talvez fosse prematuro. Mas logo depois, nascida que fora para a maternidade, parecia uma velha mãe habituada. Sentou-se sobre o ovo e assim ficou respirando, abotoando e desabotoando os olhos. [...] Só a menina estava perto e assistiu a tudo estarecida. Mal porém conseguiu desvencilhar-se do acontecimento despregou-se do chão e saiu aos gritos: – mamãe, mamãe, não mate mais a galinha, ela pôs um ovo! Ela quer o nosso bem! [...]

O pai afinal decidiu-se com certa brusquidão.

– Se você mandar matar esta galinha nunca mais comerei galinha na minha vida!

– Eu também! jurou a menina com ardor.

A mãe, cansada, deu de ombros.

Inconsciente da vida que lhe fora entregue, a galinha passou a morar com a família. A menina, de volta do colégio, jogava a pasta longe sem interromper a corrida para a cozinha. O pai de vez em quando ainda se lembrava: “e dizer que a obriguei a correr naquele estado!” A galinha tornara-se a rainha da casa. Todos, menos ela, o sabiam. Continuou entre a cozinha e o terraço dos fundos, usando suas duas capacidades: a de apatia e a do sobressalto.

Mas quando todos estavam quietos na casa e pareciam tê-la esquecido, enchia-se de uma pequena coragem, resquícios da grande fuga – e circulava pelo ladrilho, o corpo avançando atrás da cabeça, [...] com o velho susto de sua espécie já mecanizado.

Uma vez ou outra, sempre mais raramente, lembrava de novo a galinha que se recortara contra o ar à beira do telhado, prestes a anunciar. Nesses momentos enchia os pulmões com o ar impuro da cozinha e, se fosse dado às fêmeas cantar, ela não cantaria mas ficaria muito mais contente. Embora nem nesses instantes a expressão de sua vazia cabeça se alterasse. Na fuga, no descanso, quando deu à luz ou bicando milho – era uma cabeça de galinha, a mesma que fora desenhada no começo dos séculos.

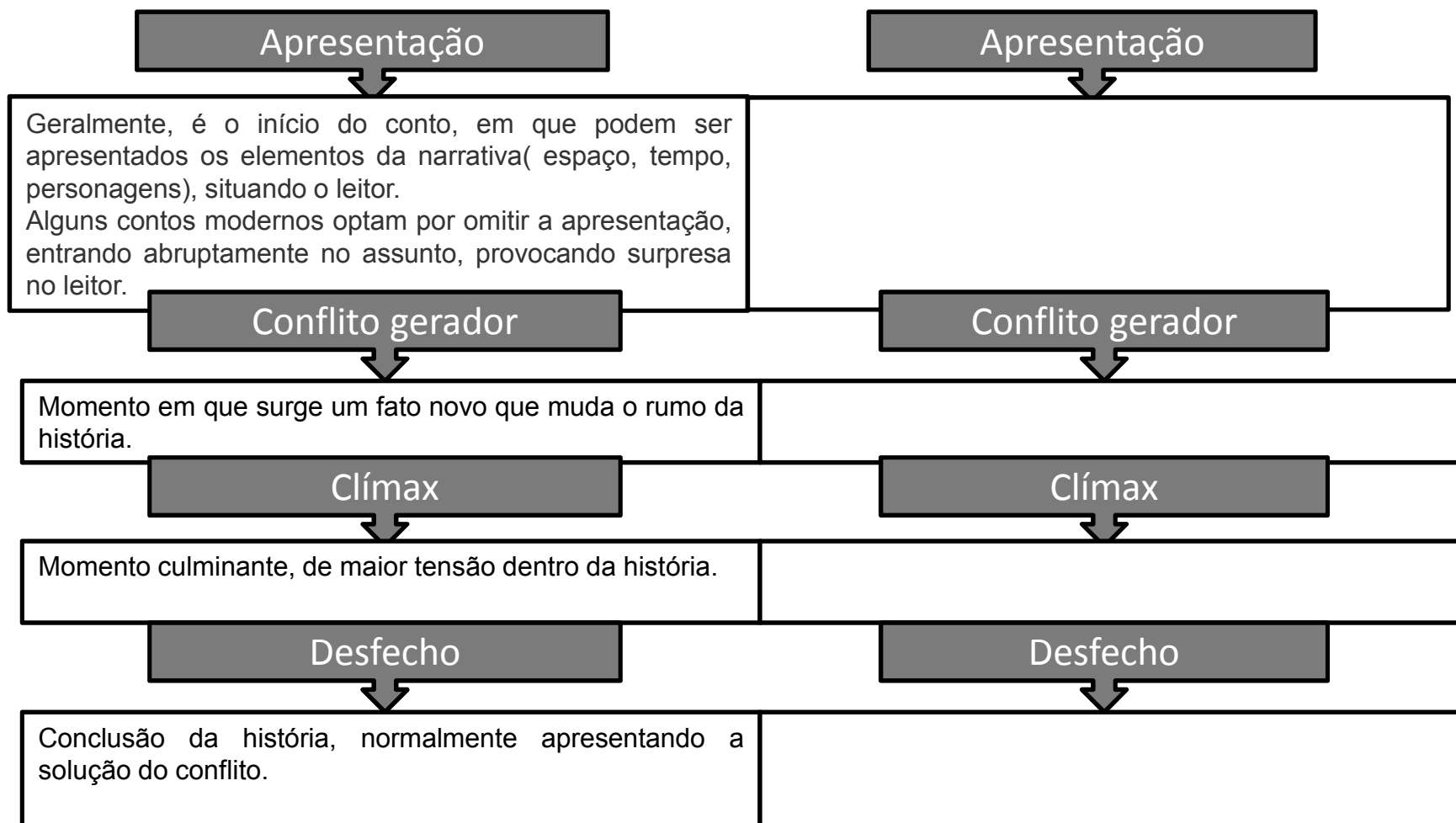
Até que um dia mataram-na, comeram-na e passaram-se anos.



LISPECTOR. Clarice. *O primeiro beijo e outros contos*. São Paulo: Ática, 1997.

culturalivre.net

Um conto, em geral, possui a estrutura abaixo. Complete o quadro, indicando o parágrafo do conto a que se refere cada parte da narrativa.



Agora, vamos ler o conto novamente, enfocando os elementos da narrativa.

1 - Quem são os personagens desse conto?

---

2 - Onde se passa a história?

---

3 - O narrador é aquele que conta a história. Ele pode apenas narrá-la, sem participar dela: é o narrador-observador; ou narrando-a, participar dos acontecimentos, isto é, ser um narrador-personagem. Nesse conto, que tipo de narrador temos?

---

Continue aprofundando a leitura. As questões abaixo vão guiar você para aspectos importantes.

4 - Por que foi uma surpresa o fato de a galinha voar para o terraço do vizinho?

---

---

5 - No trecho “A família foi chamada com urgência e consternada viu o almoço junto de uma chaminé.”, que palavra se refere à galinha?

---



Volte ao caderno do primeiro bimestre e recorde os elementos da narrativa.



6 - O conto se inicia com a seguinte frase: “Era uma galinha de domingo.” Qual o sentido da expressão em destaque, considerando o desenvolvimento da narrativa.

---

7 - O que fazia com que a galinha se sentisse livre? (4º parágrafo)

---

8 - A que a galinha é comparada no 5º parágrafo? Que características de um e de outro aparecem nesse trecho?

---

---

9 - Por que resolveram não matar a galinha?

---

10 - No trecho da fala do pai: “e dizer que a obriguei a correr naquele estado!”, a que estado ele se refere?

---

11 - Que trecho do texto revela a mudança de comportamento da família em relação à galinha? (12º parágrafo)

---

12 - Que final teve a galinha?

---

O conto que você acabou de ler tem narrador- observador – que não participa da história, somente a observa e narra.

Leia o texto abaixo, que tem narrador-personagem e observe bem a diferença. O narrador personagem é o que participa da história.

### Texto 18

#### Missa do galo

NUNCA **PUDE** entender a conversação que **tive** com uma senhora, há muitos anos, contava eu dezessete, ela trinta. Era noite de Natal. Havendo ajustado com um vizinho **irmos** à missa do galo, **preferi** não dormir; **combinei** que **eu** iria acordá-lo à meia-noite.

A casa em que eu estava hospedado era a do escrivão Meneses, que fora casado, em primeiras núpcias, com uma de **minhas** primas. A segunda mulher, Conceição, e a mãe desta acolheram-**me** bem, quando vim de Mangaratiba para o Rio de Janeiro, meses antes, a estudar preparatórios. Vivia tranqüilo, naquela casa assobradada da Rua do Senado, com os meus livros, poucas relações, alguns passeios. A família era pequena, o escrivão, a mulher, a sogra e duas escravas. Costumes velhos. Às dez horas da noite toda a gente estava nos quartos; às dez e meia a casa dormia. Nunca tinha ido ao teatro, e mais de uma vez, ouvindo dizer ao Meneses que ia ao teatro, pedi-lhe que me levasse consigo.[...]

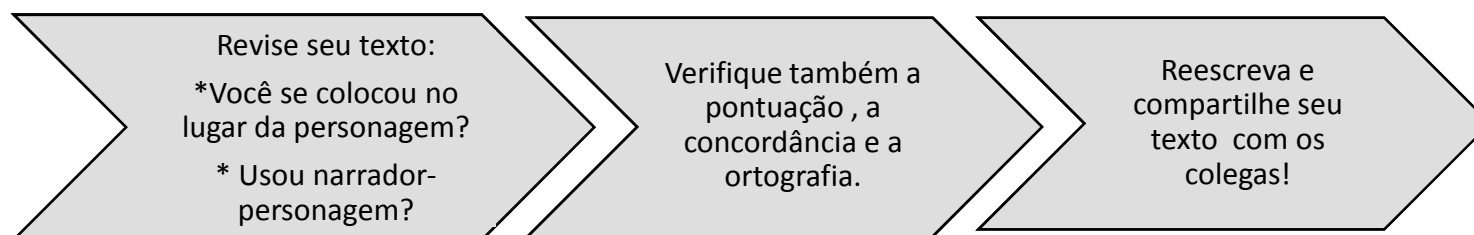

ASSIS, Machado. *Machado de Assis. Seus trinta melhores contos*. Rio de Janeiro: Editora José Aguilar, 1961.

Interessante o texto, não é? Se você gostou, procure ler o conto inteiro.

Você reparou nos verbos e pronomes em destaque? Eles estão em primeira pessoa e anunciam o narrador-personagem.

Mudar o tipo de narrador significa alterar o **foco narrativo**. Esse é o seu desafio: coloque-se no papel do personagem principal do conto de Clarice Lispector – Uma galinha.

Para isso , você vai viver a personagem, se colocar no lugar dela, contando sua própria história. Então, escreva a versão da galinha. Não se esqueça de contar os fatos principais do conto, bem como os sentimentos e expressões da galinha. Você pode acrescentar o que for necessário para criar a nova história, mas não se esqueça: o narrador deve ser **narrador-personagem**.



Seu/sua Professor/a vai auxiliá-lo/la a organizar as apresentações para a turma.

### A Rã que queria ser uma Rã autêntica

Era uma vez uma Rã que queria ser uma Rã autêntica, e todos os dias se esforçava para isso.

No começo ela comprou um espelho onde se olhava longamente procurando sua almejada autenticidade.

Algumas vezes parecia encontrá-la e outras não, de acordo com o humor desse dia e da hora, até que se cansou disso e guardou o espelho num baú.

Finalmente, ela pensou que a única maneira de conhecer seu próprio valor estava na opinião das pessoas, e começou a se pentear e a se vestir e a se despir (quando não lhe restava nenhum outro recurso) para saber se os outros a aprovavam e reconheciam que era uma Rã autêntica.

Um dia observou que o que mais admiravam nela era seu corpo, especialmente suas pernas, de forma que se dedicou a fazer exercícios e a pular para ter ancas cada vez melhores, e sentia que todos a aplaudiam.

E assim continuava fazendo esforços até que, disposta a qualquer coisa para conseguir que a considerassem uma Rã autêntica, deixava que lhe arrancassem as ancas, e os outros a comiam, e ela ainda chegava a ouvir com amargura quando diziam: que ótima Rã, até parece Frango.

MONTERROSO. Augusto. *16 contos latino-americanos*. São Paulo: Ática, 1992

1 - Qual era o desejo da Rã?

---

2 - O que ela fez para que seu desejo se realizasse?

---



---

3 - Existem, no texto, trechos que nos revelam um aspecto da personalidade da Rã. Reescreva Um deles.

---

4 - Por que a rã ouvia “ com amargura” os comentários (último parágrafo)?

---



Augusto Monterroso

www.releituras.com

## Texto 20

### O ponto de partida

A casa tinha três quartos, duas salas, banheiro, copa cozinha, quarto de empregada, porão, varanda e quintal.

Que significava o quintal para Eduardo?

Significava chão remexido com pauzinho, caco de vidro desenterrado, de onde teria vindo? Minhoca em duas ainda se mexendo, a existência sempre possível de um tesouro, poças d'água barrenta na época das chuvas, barquinho de papel. Uma formiga dentro, a fila de formigas que ele seguia para ver onde elas iam. Lam ao formigueiro. Um pé de manga-sapatinho, pé de manga-coração-de-boi. Fruta-de-conde, goiaba, gabirola. Galinheiro. A galinha branca era sua, atendia pelo nome:

— Eduarda!

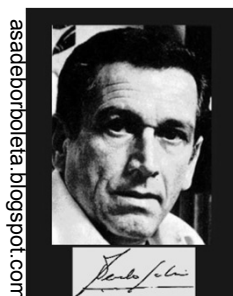
Ela se abaixava, deixava-se pegar. Às vezes punha um ovo. Quando Eduardo ia para o Grupo, deixava-a debaixo da bacia. Um dia o pai lhe disse que aquilo era maldade: gostaria que fizessem o mesmo com você? As galinhas também sofrem. Um domingo encontrou Eduarda na mesa do almoço, pernas para o ar, assada. Eduarda foi comida entre lágrimas. É, sofrem mas todo mundo come e ainda acha bom.

Desgostou-se, jurou nunca mais ter galinha na vida.

SABINO, Fernando. *O encontro marcado*. Rio de Janeiro: Record, 1991.



[www.estantevirtual.com](http://www.estantevirtual.com)



Fernando Sabino nasceu no dia 12 de outubro de 1923, em Belo Horizonte e morreu, no Rio de Janeiro, no dia 11 de outubro de 2004. É considerado um dos maiores cronistas brasileiros de todos os tempos.

Fique Ligado!



Você acabou de ler um trecho do romance *O encontro marcado*, de Fernando Sabino. Esse também é um texto de base narrativa. Observe que além da sequência dos fatos que compõem essa narrativa, existem, também, descrições da casa do personagem, do quintal, da galinha. Então, num texto de base narrativa, podemos encontrar trechos descritivos, que o enriquecem.

Agora, releia o trecho de *O encontro marcado* e responda às questões.

1 - Na leitura do terceiro parágrafo, podemos perceber se o personagem Eduardo é uma criança ou um adulto? Justifique sua resposta.

---



---

2 - Que efeito de sentido está presente no 4º parágrafo “— Eduarda!”?

---



---

3 - Compare o final desse trecho de Fernando Sabino com o de Clarice Lispector, **Uma galinha**. Qual o sentimento do Eduardo e da menina com relação à galinha?

---



---



---

Agora, você vai ler um depoimento, que é um outro gênero textual. Neste texto, Moacyr Scliar dá sua opinião sobre o romance *O encontro marcado*, do qual você leu um pequeno trecho.

**Texto 21**

**Depoimento**

Moacyr Scliar

Quem conheceu Fernando Sabino sabe que nele havia uma continuidade perfeita entre o ser humano e o escritor. Nos seus romances, nas suas crônicas, nas obras de ficção juvenil, Sabino mostrava o mesmo afeto, a mesma compreensão da vida, o mesmo humor que encantavam a todos que com ele conviveram, mesmo brevemente, como foi o meu caso. A trajetória de Sabino teve como um de seus marcos iniciais um texto inesquecível: “O encontro marcado”, de 1956.

Para a minha geração - éramos então adolescentes - este livro foi uma revelação. A história do jovem Eduardo Marciano e de seus amigos na Belo Horizonte dos anos 40 era para nós paradigmática, mesmo porque captava com extraordinária sensibilidade o clima emocional da época, a angústia, a perplexidade, as dúvidas existenciais em relação a Deus e à religião. A obra teve enorme e merecida repercussão, e isto para nós, os jovens brasileiros que, espalhados por este país, sonhavam em um dia tornarem-se escritores, era um grande estímulo. Fernando estava nos mostrando que a juventude pode, sim, representar uma temática; e que a idade não era obstáculo para que ousássemos entrar no sagrado templo da literatura. Dizia-se então que o romance era um gênero impróprio para menores de 40 anos; Sabino mostrou que não. Indicava-nos um caminho, que muitos de nós seguimos. Meio século depois continuamos admirando o livro. E continuamos agradecendo a seu inesquecível autor.

O Globo, 7 de outubro de 2006.

1 - No primeiro parágrafo, Moacyr Scliar diz que “havia uma continuidade perfeita entre o ser humano e o escritor.” Retire do texto um trecho que confirma essa declaração.

---



---

2 - Segundo Scliar, qual a causa de *O encontro marcado* ter sido tão importante para ele e os de sua geração?

---



---

3 – Na opinião de Moacyr Scliar, o que Sabino mostrou para os jovens que desejavam ser escritores em *O encontro marcado*?

---



---

Você vai ler um outro texto sobre o romance. Nele, José Castello expõe o tema do livro, fala dos personagens e do tempo em que se passa a história.

## Texto 22

### Uma longa jornada

José Castello

Lançado há 50 anos “O encontro marcado” tem como matéria central o tempo e o ímpeto com que ele destrói certezas e ilusões. Há muitos jogos de tempo nas páginas do romance. Escrito entre 1954 e 56, ambientado nos anos 40 e 50, tem como pano de fundo o desfecho da Segunda Guerra Mundial. Um momento no qual ideias, costumes, tradições se despedaçam, e o mundo, submerso nos escombros das batalhas, se vê obrigado a se repensar.

No distante Brasil, é preciso pensar de novo o mundo também – e este desejo se encarna em Eduardo Marciano [...]. A Minas provinciana onde Marciano nasceu, terra de preconceitos, de tradições fechadas e moralismo, é levada, ela também, a se abrir. Lá, repetindo a vida de Sabino, Marciano cresce e se torna homem. Lá, enfrenta os dramas da juventude, o tédio de um mundo estreito demais para os sonhos, e se defronta com os limites, sempre desagradáveis, do real.

Em um jogo de tempo que se desenrola na direção inversa, Marciano despede-se da vida no colégio marcando com dois amigos, Mauro e Hugo, um encontro para 15 anos depois. Os três jovens não querem deixar que a esperança se perca; buscam uma garantia de que, mesmo no vazio, com quase nada nas mãos, alguma coisa se constrói.

É a decepção, contudo, que os espera. Quinze anos depois, só Marciano comparece ao encontro marcado. Hugo está casado e leva uma vida burguesa. Sempre cercado de alunos, Mauro é um professor carismático, que vive para os estudantes. Quanto a Marciano, está sempre a se desencontrar.[...] A existência o transforma em um deprimido, sujeito inquieto que se debate ferozmente, sem conseguir se mover.

[...]

Depois de ler o romance, Clarice Lispector, com quem o jovem Sabino trocou longa correspondência, lhe escreveu: “Seu livro me deu a certeza de um encontro marcado, a esperança”. Clarice toca no osso do romance. Seu tema, de fato, é a esperança, não como algo que se recebe, mas como algo que se faz, ou não se faz. [...] A esperança como energia, mas também como obstáculo, é o grande tema de “O encontro marcado”.

[...]

O Globo, 7 de outubro de 2006.



Agora, responda:

1 - Em que período foi escrito o livro?

---

2 - Que momento o livro retrata?

---

---

3 - No trecho “**Lá**, repetindo a vida de Sabino, Marciano cresce e se torna homem. **Lá**, enfrenta os dramas da juventude, o tédio de um mundo estreito demais para os sonhos, e se defronta com os limites, sempre desagradáveis, do real.”, a que se refere o termo destacado?

---

4 - No 3º parágrafo, que sentimento está presente na vida dos três amigos?

---

5 - Quinze anos depois, como estão os três amigos?

---

---

6 - Segundo o texto, qual o tema de *O encontro marcado*?

---

7 - No trecho “Clarice **toca no osso** do romance”, qual o sentido da expressão destacada?

---

8 - Qual a finalidade do texto?

---

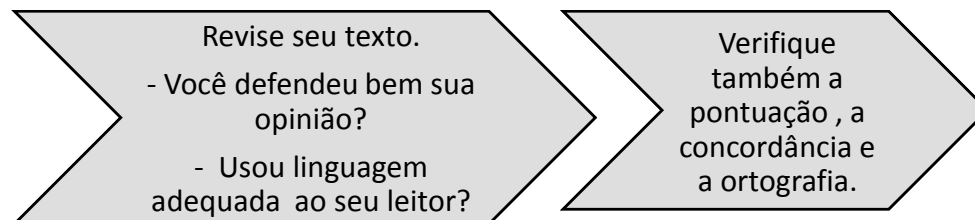
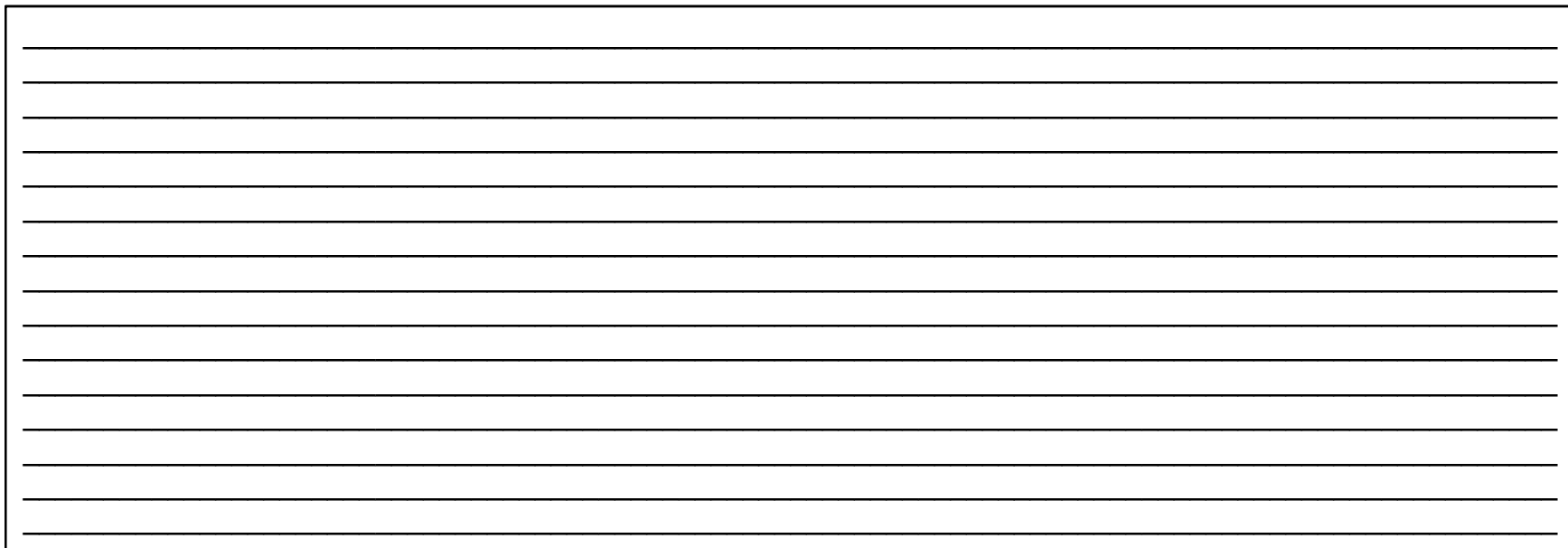
---

# Espaço criação

Os dois últimos textos são sobre um livro. O primeiro é um depoimento, tem a clara intenção de dar opinião sobre o livro e seu autor. Já o segundo é um comentário sobre o romance.

Escolha um livro que tenha lido e escreva sua opinião sobre ele. Os leitores de seu texto serão os colegas de sua escola, para os quais recomenda ou não a leitura. Não se esqueça: utilize argumentos consistentes ao dar sua opinião.

Após a escrita, você e seus colegas podem reunir todos os textos em um mural.





Nesta unidade, vamos conversar um pouco sobre a variação que existe na língua portuguesa.

Fique Ligado!



Você já observou que existe no português falado no Brasil mais de uma pronúncia para o R da palavra CORTA, por exemplo? Se você é carioca pronuncia o R dessa palavra de maneira diferente do paulista. E a palavra VEXAME, você sabia que pode significar pressa ou vergonha, dependendo da região do país? Que ME DÁ ESSE LIVRO, CARA e DÊ-ME ESSE LIVRO, POR FAVOR, têm o mesmo significado, mas são usados em situações diferentes: o primeiro caso é mais informal que o segundo?

Pois é, toda língua é heterogênea (constituída por elementos variados), pode mudar de acordo com a origem geográfica, com o grau de escolarização, com a idade do falante. E mais ainda, a mesma pessoa pode variar a sua maneira de falar de acordo com o seus objetivos e seu interlocutor.



rockcomciencia.com.br

Você vai ler, um texto que mostra algumas diferenças entre o português falado no Brasil e o falado em Portugal.

**Texto 23****Como ser brasileiro em Lisboa sem dar (muito) na vista**

Ruy Castro

Sim, eu sei que não será culpa sua, mas, se você desembarcar em Lisboa sem um bom domínio do idioma, poderá ver-se de repente em terríveis águas de bacalhau. Está vendo? Você já começou a não entender. O fato é que como dizia Mark Twain a respeito da Inglaterra e os Estados Unidos, também Portugal e Brasil são dois países separados pela mesma língua. Se não acredita, veja só esses exemplos. (...)

Um casal brasileiro, amigo meu, alugou um carro e seguia tranquilamente pela estrada Lisboa-Porto, quando deu de cara com um aviso: "Cuidado com as bermas". Eles ficaram assustados — que diabo seria uma berma? Alguns metros à frente, outro aviso: "Cuidado com as bermas". Não resistiram: pararam no primeiro posto de gasolina, perguntaram o que era uma berma e só respiraram tranquilos quando souberam que berma era o acostamento.

Você poderá ter alguns probleminhas se entrar numa loja de roupas desconhecendo certas sutilezas da língua. Por exemplo, não adianta pedir para ver os ternos — peça para ver os fatos. Paletó é casaco. Meias são peúgas. Suéter é camisol — mas não se assuste, porque calcinhas femininas são cuecas. (Não é uma delícia?) Pelo mesmo motivo, as fraldas de crianças são chamadas cuequinhas de bebê. Atenção também para os nomes de certas utilidades caseiras. Não adianta falar em esparadrapo — deve-se dizer pensos. Pasta de dente é dentifrício. Ventilador é ventoinha. E no caso (gravíssimo) de você ter de tomar injeção na nádega, desculpe, mas eu não posso dizer porque é feio.

As maiores gafes de brasileiros em Lisboa acontecem (onde mais?) nos restaurantes, claro. Não adianta perguntar ao gerente do hotel onde se pode beliscar alguma coisa, porque ele achará que você está a fim de sair aplicando beliscões pela rua. Pergunte-lhe onde se pode petiscar.

Os sanduíches são particularmente enganadores: um sanduíche de filé é chamado de prego; cachorros-quentes são simplesmente cachorros. E não se esqueça: um cafezinho é uma bica; uma média é um galão; e um chope é um imperial. E, pelo amor de Deus, não vá se chocar quando você tentar furar uma fila e alguém gritar lá de trás: "O gajo está a furar a bicha!" Você não sabia, mas em Portugal, chama-se fila de bicha. E não ria.

Ah, que maravilha o futebol em Portugal! Um goleiro é um guarda-redes. Só isso e mais nada. Os jogadores do Benfica usam camisola encarnada — ou seja, camisa vermelha. Gol é golo. Bola é esférico. Pênalti é penákti. Se um jogador se contunde em campo, o locutor diz que ele se aleijou, mesmo que se recupere com simples massagem. Gramado é relvado, muito mais poético, não é? (...)

Para se entender as crianças em Portugal, pedagogia não basta. É preciso traçar também uma outra linguística. Para começar, não se diz criança mas miúdos. (Não confundir com miúdos de galinha, que lá são chamados de miudezas. Os miúdos das galinhas portuguesas são os pintos.) Quando o guri inferniza a vida do pai, este não o ameaça com o tradicional: "Dou-te uma coça" mas com "Dou-te uma tareia", ou então com o violentíssimo: "Eu chego-te a roupa à pele".

Um sujeito preguiçoso é um mandrião. Um indivíduo truculento é um matulão. Um tipo cabeludo é um gadelhudo. Quando não se gosta de alguém, diz-se: "Não gramos aquele gajo". Quando alguém fala mal de você e você não liga, deve dizer: "Estou-me nas tintas" ou então: "Estou-me marimbando". (...) Um homem bonito, que as brasileiras chamam de pão, é chamado pelas portuguesas de pessegão. E uma garota de fechar o comércio é, não sei por quê, um borrachinho.

O pior equívoco em Portugal foi quando pifou a descarga da privada do meu quarto de hotel e eu telefonei para a portaria: "Podem me mandar um bombeiro para consertar a descarga da privada?" O homem não entendeu uma única palavra. Eu devia ter dito: "Ó pá, manda um canalizador para reparar o autoclisma da retrete."

Publicado na revista de bordo da Varig, Viaje bem, ano VIII.

1 - Existem diversas marcas que nos mostram que o produtor do texto se dirige explicitamente ao seu interlocutor. Retire dois exemplos.

---

---

2 - A quem o texto é dirigido?

---

3 - Qual o tema do texto?

---

---

4 - No trecho “**Se** não acredita, veja só esses exemplos. (...)”, substitua a palavra destacada por outra, fazendo as modificações necessárias, sem mudar o sentido da frase.

---

5 - Quais as certas sutilezas do português de Portugal citadas no texto?

---

---

## Texto 24

Rui Barbosa, ao chegar a sua casa, ouviu um barulho esquisito vindo do seu quintal.

Chegando lá, constatou que havia um ladrão tentando levar seus patos de criação. Aproximou-se vagarosamente do indivíduo, surpreendeu-o tentando pular o muro com seus amados patos.

Batendo nas costas do tal invasor, disse-lhe:

— Ó bucéfalo, não é pelo valor intrínseco dos bípedes palmípedes e sim pelo ato vil e sorrateiro de adentrares a minha residência. Se fazes isso por necessidade, transijo; mas se é para zombares de minha alta prosopopeia de cidadão digno e honrado, dar-te-ei com minha bengala fosfórica no alto de tua sinagoga que reduzir-te-á à quinquagésima potência que o vulgo denomina nada.

E o ladrão, confuso, disse:

— Ó moço, eu levo ou deixo os patos?

Adaptado de [www.proeducativa.com](http://www.proeducativa.com)

1 - Por que o ladrão fica confuso?

---

2 - Pelo modo de falar, como você caracteriza Rui Barbosa?

---

3 - O que provoca o humor no texto?

---

4 - Reescreva a fala de Rui Barbosa no texto. Como você falaria atualmente de forma a ser compreendido perfeitamente pelo ladrão?

---

---

---

---

---

---

---

---

Observe que o texto de Rui Barbosa apresenta traços de humor ao contar uma história em que a variação da nossa língua aparece concretizada.





Nesta unidade, vamos falar brevemente sobre o humor.

**Texto 25**

**Fique Ligado!**



Os textos de humor em geral, veiculam informações de forma sintética, afinal, não é nem um pouco engraçado explicar a piada, não é?

Então, cabe a você, leitor, compreender o que não foi dito explicitamente, seguindo as pistas que o texto dá e trazendo para a leitura seus conhecimentos.

Um cuidado importante que devemos ter com os textos de humor é o de compreender que eles, muitas vezes, lidam com estereótipos ou mesmo preconceitos. Desse modo, é preciso ficar atento para fazer uma leitura crítica, questionando os preconceitos e estereótipos. Muitas vezes a piada mais engraçada não tem graça nenhuma...

Ao ler um texto de humor o leitor precisa perceber se está em jogo alguma duplicidade de sentido, para detectar os dois sentidos, colocar de lado o mais óbvio e compreender o menos óbvio.

O efeito surpresa, a quebra de expectativa, é fundamental para se conseguir produzir humor.

Glossário: estereótipo – ideia preconcebida; padrão; clichê.

Um viajante chegou a um hotel em Manaus e, como estava muito quente, abriu a janela. Só que começaram a entrar vários pernilongos. Então, ele ligou para a recepção e reclamou.

— Boa tarde, estou com muito calor e, com a janela aberta, vários mosquitos entraram em meu quarto e estão me incomodando.

— Se o senhor desligar as luzes de seu quarto, eles irão embora.

Ele fez o que o recepcionista disse e realmente eles se foram. Depois de um tempinho, começaram a entrar vários vaga-lumes, e então ele tornou a ligar para a recepção reclamando.

E o atendente:

— Mas o que foi agora, senhor?

Ele responde:

— Não adiantou, os mosquitos voltaram com lanternas.

Adaptado de <http://blog.clickgratis.com.br/almanaquedaleitura>

1 - Que compreensão equivocada provoca o humor na piada?

---



---

Texto 26



linkiterario.blogspot.com

1 - O que causa estranhamento no texto 26?

---



---

2 - Que parte do texto provoca o humor?

---

Texto 27



1 - Qual o significado da expressão do paciente?

---

2 - O remédio que o médico receita é o que se espera? Explique.

---



---



---



---



---

**Texto 28**
**Gepeto e a Grande Baleia Branca Encalhada**


tcmoveis.com.br

1 - Onde está o efeito de humor nessa tirinha?

---

**Texto 29**

O empregado pede aumento. O chefe é curto e grosso:

— Não vou dar aumento coisa nenhuma!

— Mas, patrão! Eu estou trabalhando demais aqui...eu estou trabalhando por dois!

— Pois então me diga quem é o outro que eu mando embora!

SARRUMOR, Laert. Linguagem Nova. 7ª série. São Paulo: Ática, 2005

1 - O que significa “trabalhando por dois”?

---

2 - A resposta do patrão corresponde à expectativa do empregado? Explique.

---



---

### Texto 30

— Desculpe, querida, mas eu tenho a impressão de que você quer casar comigo só porque eu herdei uma fortuna do meu tio.

— Imagina, meu bem ! Eu me casaria com você mesmo que tivesse herdado a fortuna de outro parente qualquer !

POSSENTI, Sirio. *Os humores da língua*. Mercado de Letras, 1998.

1 - A mulher negou a impressão que o homem tinha dela?

---

---

---

### Texto 31

— Mamãe, que significa a expressão « os opostos se atraem » ?

— Significa que você vai se casar com uma mulher bonita, inteligente e de grande personalidade.

POSSENTI, Sirio. *Os humores da língua*. Mercado de Letras, 1998.

1 - Pela resposta da mãe, podemos perceber o que ela pensa sobre o filho? Explique.

---

---

---

---

O próximo texto (32) é uma carta verídica que foi divulgada pelo próprio Clube de Dirigentes Lojistas e publicada na Folha de São Paulo.

“Prezados Senhores,

Esta é a oitava carta jurídica de cobrança que recebo de Vossas Senhorias...

Sei que não estou em dia com meus pagamentos. Acontece que eu estou devendo também em outras lojas e todas esperam que eu lhes pague. Contudo, meus rendimentos mensais não permitem que eu pague duas prestações no fim de cada mês. As outras ficam para o mês seguinte. Estou ciente de que não sou injusto, daquele tipo que prefere pagar esta ou aquela empresa em detrimento das demais.

Ocorre o seguinte... todo mês, quando recebo meu salário, escrevo o nome dos meus credores em pequenos pedaços de papel, que enrolo e coloco dentro de uma caixinha. Depois, olhando para o outro lado, retiro dois papéis, que são os dois “sortudos” que irão receber o meu rico dinheirinho. Os outros, paciência. Ficam para o mês seguinte.. Afirmo aos senhores, com toda certeza, que sua empresa vem constando todos os meses na minha caixinha. Se não os paguei ainda, é porque os senhores estão com pouca sorte. Finalmente, faço-lhes uma advertência:

Se os senhores continuarem com essa mania de me enviar cartas de cobrança ameaçadoras e insolentes, como a última que recebi, serei obrigado a excluir o nome de Vossa Senhoria dos meus sorteios mensais.

Sem mais,  
Obrigado

In: <http://portaldoprofessor.mec.gov.br/fichaTecnicaAula.html?aula=13490>.

1 - Quem envia a carta?

---

2 - A quem se dirige a carta?

---

3 - Pelo conteúdo da carta, você julga positiva ou negativamente a postura do homem? Justifique.

---

4 - Que formas linguísticas no texto permitem perceber a tentativa do homem de se mostrar respeitoso e formal ao se dirigir à loja? Retire exemplos do texto.

---

5 - O que provoca o efeito de humor no texto?

---

Começamos este caderno falando sobre o Rio de Janeiro, passamos pelos textos literários, pela variação linguística e chegamos ao humor. Neste final, deixamos para você curtir um carioca mestre do humor: Sérgio Porto (Stanislaw Ponte Preta).

### Texto 33

#### A estranha passageira

— O senhor sabe? É a primeira vez que eu viajo de avião. Estou com zero hora de voo - e riu nervosinha, coitada.

Depois me pediu que eu me sentasse ao seu lado, pois me achava muito calmo e isto iria fazer-lhe bem. Lá se ia a oportunidade de ler o romance policial que eu comprara no aeroporto, para me distrair na viagem.

Suspirei e fiz o bacano respondendo que estava às suas ordens. Madama entrou no avião sobraçando um monte de embrulhos, que segurava desajeitadamente. [...]

Os outros passageiros estavam já se divertindo às minhas custas, a zombar do meu embaraço ante as perguntas que aquela senhora me fazia aos berros, como se estivesse em sua casa, entre pessoas íntimas. A coisa foi ficando ridícula:

— Para que esse saquinho aí? - foi a pergunta que fez, num tom de voz que parecia que ela estava no Rio e eu em São Paulo.

— É para a senhora usar em caso de necessidade - respondi baixinho. Tenho certeza de que ninguém ouviu minha resposta, mas todos adivinharam qual foi, porque ela arregalou os olhos e exclamou:

— Uai... as necessidades neste saquinho? No avião não tem banheiro? Alguns passageiros riram, outros - por fineza - fingiram ignorar o lamentável equívoco da incômoda passageira de primeira viagem.[...]

O comandante já esquentara os motores e a aeronave estava parada, esperando ordens para ganhar a pista de decolagem. Percebi que minha vizinha de banco apertava os olhos e lia qualquer coisa. Logo veio a pergunta:

— Quem é essa tal de emergência que tem uma porta só pra ela? Expliquei que emergência não era ninguém, a porta é que era de emergência, isto é, em caso de necessidade, saía-se por ela.

Madama sossegou e os outros passageiros já estavam conformados com o término do “show”. Mesmo os que mais se divertiram com ele resolveram abrir os jornais, revistas ou se acomodarem para tirar uma pestana durante a viagem. Foi quando madama deu o último vexame.

Olhou pela janela (ela pedira para ficar do lado da janela para ver a paisagem) e gritou:

— Puxa vida!!! Todos olharam para ela, inclusive eu. Madama apontou para a janela e disse:

— Olha lá embaixo. Eu olhei. E ela acrescentou:

— Como nós estamos voando alto, moço. Olha só... o pessoal lá embaixo até parece formiga.

Suspirei e lasquei:

— Minha senhora, aquilo são formigas mesmo. O avião ainda não levantou voo.

PRETA, Stanislaw Ponte. Garoto linha dura. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 1975, p.156-157.

